

GEOGRAFIA POLÍTICA OU GEOPOLÍTICA?

Regina Salvador

1 – O nascimento de uma nova Ciência

Comemora-se neste ano de 1997, o centenário da publicação da primeira edição da obra de Friedrich Ratzel, “*Politisch Geographie*”, considerada como o primeiro esforço de sistematização de uma disciplina que, explicitamente, trata das relações entre Estados Nacionais numa perspectiva espacial. Na sua segunda edição, em 1902, Ratzel acrescentar-lhe-ia o sugestivo sub-título de “Uma geografia dos Estados, do Comércio e da Guerra”.

Ratzel, como a maioria dos autores identificados com esta nova disciplina, classificou-a como fazendo parte das ciências políticas e como tendo objectivos pragmáticos e/ou praxiológicos.

A orientação filosófico-política da nova disciplina baptizada de “Geopolítica” pelo professor de Teoria do Estado, de nacionalidade sueca, Kjellen, não permitia dúvidas: a sobrevivência dos mais fortes e o destino manifesto do domínio do “mundo oceânico germânico”, sobre o “mundo potâmico-oriental” e o “mundo thalassico-clássico”.

Já o hegeliano de direita E.Kapp, autor de uma obra de geografia política precursora da de Ratzel, iria buscar os fundamentos de sua filosofia da história ao pré-socrático Thales de Mileto (século V A.C.) e ao seu princípio da superioridade da água.

O filósofo e jurista do III Reich, Carl Schmitt (que mais tarde se veio a tornar num ardente “soissante-huitard”) retomou a ideia da luta

das potências marítimas contra as potências continentais (Terra vs. Mar). Schmitt confessou ter-se inspirado nos cabalistas medievais, para os quais a História da Humanidade se caracterizava pela luta entre os dois monstros bíblicos, Behemot e Leviathan, a luta entre o urso e a baleia, o “great game” de Kim, o famoso personagem de Kipling.

Em suma, a luta do século XIX entre a Inglaterra e a Rússia pela hegemonia da Ásia.

A ideia da determinação da posição de um povo ou sistema político pelo espaço que ocupa acompanha todo o pensamento político, em especial o dos grandes teóricos da estratégia militar, como Sun Tze e, já na época moderna, Maquiavel ou Vauban.

Napoleão costumava sentenciar que “A política de um Estado está na sua geografia”¹.

E, pelo menos dez anos antes das previsões de Tocqueville sobre as potências que viriam a governar o mundo (a Rússia e os Estados Unidos), Napoleão escrevia no seu diário de exílio em Santa Helena “que o mundo estava perante o dilema de se transformar ou numa república americana ou numa monarquia universal russa”.

2 – Geopolítica “versus” Geografia Política

Comemora-se, também em 1997, os vinte anos da revista “Hérodote” cujo subtítulo (“Revista de Geografia e de Geopolítica”) revela bem a concepção do seu fundador, o geógrafo francês Yves Lacoste.

Yves Lacoste, conhecido geógrafo francês da escola de Pierre George, é um ex-comunista que rompe com o partido durante a guerra da Argélia e se converte a um activo terceiro-mundismo. Foi um dos primeiros académicos a denunciar as intenções dos EUA de lançar uma “guerra meteorológica” contra o Vietname e Cuba.

A escola francesa de geografia política considerou sempre a geopolítica como uma filosofia vulgar, a ideologia dos imperialismos anglo-germânicos.

Com alguma razão, demarcou-se sempre do pan-germanismo de Kjellen e dos consagrados e, à época, mediáticos, Mahaan e MacKinder.

¹ De tal modo acreditava nesta sua ideia que instituiu nas Escolas Superiores (inclusive na célebre Polytechnique, por ele fundada), o ensino obrigatório da geografia.

Geografia Política ou Geopolítica?

Alfred Mahaan, era oficial da marinha dos EUA, professor em Annapolis (a Escola Naval dos EUA) e autor do livro “The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)”, publicado em 1890, e que desenvolve a tese da superioridade do Poder Naval sobre o Poder Terrestre.

Mahaan acreditava na missão divina da democracia WASP (White-Anglo-Saxon-Protestant) e no “destino manifesto” dos povos anglo-saxões.

Quando veio à Europa, foi recebido com honras de Chefe de Estado pelo Kaiser Guilherme II (e pelo Comandante em Chefe da Marinha do II Reich, o Almirante Tripitz), enquanto o “Time” de Londres o proclamava, em grandes parangonas, como o “O Novo Copérnico”.

Contudo, diga-se a bem da verdade, que os geógrafos franceses não recusaram a geopolítica apenas por razões geopolíticas, (o que seria uma ironia da História, “List des Vernunft” ou “as brincadeiras da história”, na expressão do filósofo Hegel).

As divergências da geografia francesa com as geo-políticas anglo-germânicas devem-se sobretudo a razões de ordem epistemológica.

Camille Vallaux, o primeiro geógrafo a apresentar um estudo sistemático sobre a geografia política de Ratzel, critica-o a partir dos pressupostos e explicações da geografia humana francesa, elaborados por Vidal de la Blache e Elisée Reclus; este último, foi ostracizado pela comunidade acadêmica em consequência da sua participação na Comuna de Paris, em 1871, e pela sua activa militância anarquista.

Vidal de la Blache, prestigiado professor da Sorbonne, compartilhava as idéias de Maurice Barrès, grande inspirador de Maurras por quem, por sua vez, Salazar nutria profunda admiração.

Aliás o pensamento de Vidal de la Blache vem romper com a geografia humana e social francesa. Para ele a geografia é a “ciência dos lugares e não a ciência dos homens”.

Para Vidal de la Blache, a geografia humana é essencialmente o estudo das formas de “habitat”, da repartição espacial da população.

O homem converte-se assim, num habitante fisicamente determinado pelos quadros espaciais, pelos “meios geográficos”, pelas “regiões naturais”.

De la Blache não faz porém concessões ao determinismo geográfico, mecânico ou dialético, da geografia política alemã.

Subscreve antes a visão possibilista e pluricausal inscrita na matriz teórica da geografia francesa.

Este “anti-humanismo” teórico torna-o profundamente contemporâneo: privilegia o ambiente; antecipa o “dasein” heideggeriano e a descontinuidade dos estruturalismos dos anos sessenta e da pós-modernidade.

Por outro lado, a geografia política francesa vai também converter-se numa geografia social, aproximando-se da sociologia de Durkheim, da morfologia social, das questões urbanas e da diversidade dos meios socio-geográficos – “genres de vie”.

O conceito de sociedade inclui a sincronia do “meio-trabalho-família” como um discípulo de De la Blache, Frederic Le Play, vem defender.

Nos anos do pós Segunda Guerra Mundial, autores como Max Sorre ou Pierre George virão a sistematizar a geografia social, introduzindo a análise económica nos problemas espaciais.

Por sua vez, Pierre Gourrou reformularia o conceito de civilização, aprofundando as noções marxistas de “modo de produção”, de “desenvolvimento tecnológico” e de “sistema de ideias e valores”.

Não obstante a recusa académica da geopolítica e da má fama adquirida no III Reich, os problemas assinalados pelos geopolíticos persistiam e incomodavam: a “Guerra Fria”, a descolonização, os intermitentes conflitos armados, não conseguiam ser explicados pelos modelos teóricos da luta de classes ou por ressurgimentos civilizacionais, acarinhados pela antropologia social anglo-americana.

A concepção organicista do Estado dos “pais” do discurso geopolítico (Ratzel, MacKinder, Haushoffer) era, no entanto, primitiva e insuficiente.

As categorias de “lage” (situação geográfica como a continentalidade, a proximidade do mar, ou a mediterraneidade) e de “raum” (espaço) persistiam como categorias explicativas, apesar da pobreza franciscana da respectiva elaboração teórica.

Em França, como na maioria dos países do G7, só os militares se interessavam por questões realçadas pela geopolítica.

Assim, sublinhe-se a contribuição do Almirante Celerier (“Geopolitique et Geostratégie”) ou do Almirante Castex, crítico dos custos excessivos do Império Francês, nos anos 30. Castex defendia a concentração do Império Gaulês no triângulo defensável (de Dunquerque ao Congo).

Geografia Política ou Geopolítica?

É aliás nesta teoria de “overstretching”, do fim dos Impérios, que também Paul Kennedy se vem basear, com o seu “best-seller”, “The Rise and Fall of the Great Powers”.

3 – Queda e ascensão da geopolítica

A relação entre a Geografia Política e a Geopolítica está a ser revista.

Durante muito tempo, ambas foram consideradas como “ciências”, no sentido académico do termo, pelo seu descomprometimento com quaisquer projectos políticos.

Ora, se formos ao núcleo duro da geografia – a cartografia – podemos constatar historicamente a inexistência de neutralidade.

Vejam os dois exemplos.

Por exemplo, no começo do sec. XVII (1609), o Solicitador-Geral da Irlanda, num Relatório para Londres, narra os infortúnios do cartógrafo Bartlett, cuja cabeça foi cortada pelos habitantes do Ulster por discordarem do mapeamento das suas terras (Fronteiras e propriedades).

Também na 2ª.Guerra Mundial, o Comando Militar norte-americano foi obrigado a reconstituir as escalas e a projecção de Mercator para poder abastecer o aliado soviético via Groenlândia.

Numa artigo da revista do “Instituto Internacional de Estudos Estratégicos” de Londres, “Survival”, o geógrafo de Cambridge Geoffrey Kemp, reexaminou esta questão, mostrando o carácter a-priorístico e pouco inocente da projecção de Mercator que, como se sabe, parte do pequeno núcleo de Greenwich, hoje apenas um bairro do sul do “Great London Council”.

Mas esta falta de inocência pode também ser atribuída a outras ciências sociais.

Nós economistas, sabemos bem que nem Adam Smith, nem David Ricardo, lançaram bases para uma ciência descomprometida, quando defendem a livre concorrência e o “free trade” contra o feudalismo e o proteccionismo.

Mesmo Keynes, quase canonizado entre os “malvados” dos economistas pela defesa de políticas sociais, constituiu uma sólida fortuna, jogando na Bolsa de Londres.

Já para não falarmos dos sociólogos. Conservadora, a sociologia, segundo o seu “padrinho” Augusto Comte (no seu livro “O Catecismo

Positivista”), deveria dar respostas aos distúrbios criados pela “Idade Metafísica das Revoluções” (ou a “Era das Revoluções”, na expressão de Hobsbawm – 1780-1848).

Se formos para a antropologia, as suas ligações perigosas com os Impérios Coloniais são profundas e comprometedoras.

É o caso dos antropólogos franceses que, sob pretexto de estudarem as confrarias religiosas do Senegal, fizeram um verdadeiro levantamento das diferentes correntes políticas e dos “leaders” locais, muito útil para preparar o Plebiscito imposto pelo General De Gaulle.

Os exemplos abundam, pois.

A geopolítica “amaldiçoada”, mesmo na Alemanha, pelas suas ligações com o III Reich, apresentou no entanto, um conjunto de matices que permitiram que o Prof. Doutor General Haushoffer fosse absolvido graças à defesa do Prof.Doutor Jesuíta, o Padre Edmund Walsh.

O Padre Walsh foi professor de Geopolítica na Universidade de Georgetown e o grande “ideólogo” do “MacCarthismo” e da “massive retaliation” contra a URSS.

Hausshoffer, foi defensor das teses de Sir Harold MacKinder, e pertencia à ala dos “bismarckianos”, ou seja, defendia a ligação Alemanha-Rússia. Como dizia Bismarck: “Nunca atacar os bárbaros do Leste”.

Por sua vez, o Padre Walsh veio a ser um dos fundadores do “Office of Strategic Studies”, precursor da CIA, tendo-se tornado um grande “maître à penser” de Langley.

As dúvidas epistemológicas levantadas pela geografia política francesa continuaram a desafiar a “nova geopolítica”, ressurgida nos anos 70, nos meios académicos, graças à crise do “materialismo histórico”.

A geração dos anos 60, da Califórnia e de Paris, acabou por perder a sua fé marxista, a partir do momento em que descobriu que os dois gigantes comunistas se enfrentavam por um pedaço de terra (ou pelo irredentismo da China em acusar a URSS de “social-imperialista”).

É nesta ocasião que a China se torna aliada do Ocidente (ida de Nixon a Pequim), ao ponto de impedir o abastecimento logístico do Vietname do Norte, que sempre tinha apoiado desde o início da Guerra.

Geografia Política ou Geopolítica?

Em consequência, a velha geopolítica ressurge nos meios mais progressistas.

Aliás, a principal acusação da Academia de Ciências da URSS contra a República Popular da China é que os camaradas chineses teriam substituído a “verdadeira” ciência do marxismo-leninismo pela reaccionária geopolítica germânica.

Nos anos 80 e 90 a “geopolítica” inflacionou o discurso mediático e a produção teórica sobre questões internacionais.

Cumpriu-se, assim, de certa forma, a profecia do sinólogo neo-conservador e ex-comunista Wittefogel quando afirmou que “a geopolítica é o materialismo histórico da burguesia”, ou seja, uma visão holística onde os factores geográficos substituem as determinações sócio-económicas do marxismo.

De qualquer forma, a novíssima “Ordem Económica Internacional” acelerou de forma exponencial a necessidade de uma nova ciência multivarida, cuja elasticidade da procura científica exige um esforço inter-disciplinar.

Bibliografia

- COHEN, Saul B. (1963) – *Geography and Politics in a Divided World*, Random House, New York.
- DEBIÉ, Frank (1991) – *La Géopolitique est-elle une Science?*, in “*Stratégique*”, 2.º Trim., pp. 57-64.
- FERRO, Gaetano (1993) – *Fondamenti di Geografia Politica e Geopolitica – Politica del Territorio e dell’Ambiente*, Giuffrè, Milano.
- GALLOIS, Pierre (1990) – *Géopolitique – Les Voies de la Puissance*, Plon, Paris.
- GRAY, Colin S. (1991) – *Geography and Grand Strategy*, in “*Comparative Strategy*”, March, pp. 311-329.
- GRAY, Colin S. (1977) – *The Geopolitics of Nuclear Era: Heartland, Rimland and the Technical Revolution*, Crane & Russak, New York.
- HARTSHORNE, Richard (1960) – *Political Geography in the Modern World* in “*The Journal of Conflict Resolution*”, March, pp. 52-66.
- LACOSTE, Yves (1991) – *Géopolitique et Géostratégie*, in “*Stratégique*”, 2.º Trim., pp. 21-29.
- LACOSTE, Yves (1983) – *Dictionnaire de Géopolitique*, Flammarion, Paris.
- LACOSTE, Yves (1978) – *La Géographie, ça sert d’abord à Faire la Guerre*, Maspéro, Paris.

Espaço, Fronteiras, Transições

- LUTTWAK, Edward (1990) – *From Geopolitics to Geo-Economics – Logic of Conflict, Grammar of Commerce*, in “*The National Interest*”, Summer, pp. 62-73.
- PAGNINI, Maria Paola (1985) – *Geografia del Principe. Teoria e Misura dello Spazio Geografico*, UNICOPLI, Milano.
- PORTER, Michael (1980) – *Competitive Strategy – Techniques for Analysing Industries and Competitors*, The Free Press, New York.
- WALLERSTEIN, Immanuel (1991) – *Geopolitics and Geoculture – Essays on the Changing World System*, Cambridge University Press, Cambridge (Mass.).
- WOHLSTETTER, Albert (1968) – *The Illusion of Distance*, in “*Foreign Affairs*”, Summer, pp. 242-255.